

MOTIVAÇÃO E ATRIBUTOS MORAIS NO ESPORTE

MOTIVATION AND MORAL ATRIBUTES IN SPORT

João Ricardo Nickenig Vissoci*
Lenamar Fiorese Vieira**
Leonardo Pestillo Oliveira*
José Luiz Lopes Vieira**

RESUMO

O objetivo deste estudo foi analisar a relação entre motivação autodeterminada, orientação da prática esportiva e agressão atlética em atletas de voleibol. Participaram do estudo 54 atletas entre adultos e juvenis de ambos os gêneros. Como instrumentos de medida foram utilizados a Escala de Motivação Esportiva (1995), a Escala de Orientação da Esportividade Multidimensional (1997) e o Inventário de Agressão Atlética de Bredemeier (1985). A coleta de dados foi realizada nos locais de treinamento, e para sua análise utilizou-se o teste Mann-Whitney, a correlação de Spearman e o coeficiente Alfa de Cronbach. Concluiu-se que a motivação autodeterminada intrinsecamente se constituiu como fator favorável para atitudes positivas voltadas às convenções esportivas, regras e juízes, influenciando na preocupação e comprometimento com o oponente e na tendência a comportar-se agressivamente.

Palavras-chave: Motivação. Agressão. Comportamento social.

INTRODUÇÃO

O estudo da motivação assume um papel determinante nas investigações acerca da prática esportiva, principalmente na compreensão da influência da motivação sobre o desempenho esportivo e o bem-estar dos atletas (REINBOTH; DUDA, 2006). Essa importância é refletida nas diferentes pesquisas que procuram identificar as influências da motivação em diferentes aspectos, como na utilização de substâncias que aumentam o desempenho (DONAHUE et al., 2006), desempenho esportivo de atletas de elite (CHANTAL; GUAY; MARTINOVA, 1996), julgamento sobre comportamentos agressivos (STEPHENS; BREDEMEIER, 1996), relacionamento interpessoal (BENGOCHEA; STREAN, 2007), aderência ao exercício e bem-estar em obesos (EDMUNDS; NTOUMANIS; DUDA, 2007).

No contexto da Psicologia do Esporte diferentes teorias dão suporte ao estudo da motivação, por exemplo, a teoria da atribuição (WEINER, 1985), a

teoria das metas de realização (DUDA, 1993), a teoria da motivação através da percepção da competência (HARTER, 1988) e a teoria da *Autodeterminação* de Deci e Ryan (1985).

Com relação à teoria da autodeterminação, o comportamento é regulado por três necessidades psicológicas, que atuam de forma interdependente: competência, autonomia e relacionamento. Especificamente, a competência refere-se à capacidade do indivíduo de interagir de maneira eficaz com o seu ambiente enquanto realiza tarefas desafiadoras; autonomia concerne ao nível de independência e controle das escolhas percebidas pelo indivíduo; e relacionamento está ligado a quanto alguém percebe um senso de conectividade com outras pessoas do ambiente (MILNE; WALLMAN; GUILFOYLE, 2008).

Dessa forma, o comportamento se regula em função da satisfação dessas necessidades, e facilita ou dificulta a motivação. Isto resulta em dois comportamentos reguladores: um comportamento percebido como independente e próprio do

* Psicólogo. Mestrando em Educação Física pelo Programa Associado de Pós-Graduação UEM/UEL, Departamento de Educação Física, Universidade Estadual de Maringá-UEM.

** Professor(a) Doutor(a) do Departamento de Educação Física da Universidade Estadual de Maringá e do Programa Associado de Pós-Graduação UEM/UEL.

indivíduo, com ações iniciadas e reguladas pelo sujeito (motivação intrínseca); e um comportamento regulado intensamente por mecanismos externos (motivação extrínseca) (RYAN; DECI, 2000). Nessa perspectiva, Vallerand (2001) complementa com o modelo hierárquico da motivação que propõe sua variação em graus de autodeterminação, num *continuum* que se posiciona entre um nível baixo e um nível alto de autodeterminação, sendo classificada em amotivação (nível mais baixo de autodeterminação), motivação extrínseca e motivação intrínseca (autodeterminada).

Destarte, a o interesse do indivíduo pode variar em termos de intensidade e causas. Neste sentido ele pode ter: pouca motivação para a ação (amotivação); uma motivação referente à realização da atividade para satisfação de demandas externas, por culpa ou vergonha (motivação extrínseca de regulação externa); uma motivação baseada na participação em atividades pelo sentimento de obrigação, coerção e fuga de sensações negativas (motivação extrínseca de introjeção); ou ainda uma motivação oriunda de uma atividade que em si não dá prazer, mas na qual o indivíduo se identifica com o resultado e este é valorizado (motivação extrínseca de identificação). O último estágio da motivação é aquele que diz respeito ao prazer, interesse e satisfação proporcionados pela própria atividade (motivação intrínseca) (VALLERAND; LOSIER, 1994).

No Brasil, a Teoria da Autodeterminação tem sido utilizada como base para estudos no contexto escolar, evidenciando a orientação motivacional intrínseca como um elemento positivo para a aprendizagem e desempenho dos alunos (GUIMARÃES; BORUCHOVITCH, 2004) e enfatizando empiricamente a fidedignidade e validade para o contexto brasileiro (GUIMARÃES; BZUNECK; BORUCHOVITCH, 2003; BZUNECK; GUIMARÃES; 2007). Assim, estudos validaram o *continuum* de autodeterminação para o contexto da Educação Física (FERNANDES; VASCONCELOS-RAPOSO, 2005) e o questionário que avalia a motivação na perspectiva da autodeterminação no contexto esportivo (SERPA; ALVES; BARREIROS, 2004). Na mesma linha teórica, a autodeterminação foi utilizada como uma variável no estudo de desenvolvimento de talentos esportivos em comparação com talentos da música (BARREIROS, 2005) e com talentos acadêmicos (ALVES, 2007).

Nesse sentido, estudar a motivação implica em investigar o *porquê* de se realizar uma ação e o *modo* como tal ação está relacionada ao estudo do julgamento do indivíduo sobre o que é certo e o que é errado, para assim se atribuir um significado moral à ação e definir a melhor maneira de se comportar (BREDEMEIER, 1999). Assim esse julgamento é feito a partir dos conceitos morais que o indivíduo adquiriu ao longo do seu desenvolvimento, influenciado pela interação constante com seus pares sociais (pais, professores, amigos, técnico e outros).

Estudando as atribuições morais, Vieira (1993) encontrou que a atribuição moral se encontra em um estágio mais maduro para dilemas morais da vida esportiva do que da vida diária, tanto para atletas como para não-atletas, e conclui que o engajamento na vida esportiva (anos de treinamento e horas por semana), que é marcada por regras e normas, favorece a transferência do raciocínio moral de uma esfera para outra. Entretanto, o significado moral que o atleta atribuirá à prática esportiva será determinado pela forma como este é orientado, seja se comprometendo e respeitando as regras, os participantes e as convenções sociais, seja adotando comportamentos ilícitos na busca pela vitória (VALLERAND; BRIÈRE; BLANCHARD et al., 1997).

Kohlberg (apud BREDEMEIER; SHIELDS, 1998), defendia que a atribuição moral é mais bem compreendida quando se consideram as motivações e razões que influenciam o comportamento, ao invés de se focar apenas o comportamento e a forma como o indivíduo pensa suas responsabilidades éticas é um aspecto importante do seu caráter. Dessa forma, Stephens (2000), estudando a tendência de atletas a comportar-se agressivamente, aponta que os fatores motivacionais são importantes para entender a atribuição moral (comportamento agressivo) em atletas juvenis de futebol.

De acordo com o exposto, o objetivo deste estudo foi investigar as relações existentes entre a motivação autodeterminada e a atribuição moral de atletas de voleibol tendo como suporte a teoria da autodeterminação. Especificamente, identificaremos os níveis de motivação autodeterminada dos atletas e as atribuições morais destes em termos da orientação da prática esportiva e da agressividade atlética.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Este estudo se caracterizou como descritivo-correlacional, e teve como sujeitos 54 atletas de

voleibol (juvenis e adultos de ambos os gêneros) que participaram de uma competição no Estado do Paraná em 2006 (31 do sexo masculino e 23 do sexo feminino), com idade média de 19 anos ($\pm 5,1$). A amostra foi selecionada intencionalmente em função do nível técnico das equipes, tendo como base as mais bem classificadas no último campeonato estadual de voleibol. Todos consentiram em participar do estudo e assinaram o termo de consentimento. No caso dos atletas menores de idade, o termo foi assinado previamente pelos pais ou responsáveis.

Após a aprovação do comitê de ética (Parecer n.º 75/2007) procedeu-se ao contato com as equipes e se iniciou a coleta de dados (realizada de maneira individual), com a aplicação de questionários auto-aplicáveis, respondidos durante os treinamentos. Para análise dos dados utilizou-se a estatística descritiva, o teste *Alpha* de Cronbach, o teste de normalidade Shapiro-Wilk, o teste Mann-Whitney para comparação de grupos e a correlação de Spearman para análise da relação entre as variáveis.

Instrumentos

Agressão atlética: Inventário de Agressão Atlética de Bredemeier (BAAGI – *Bredemeier's Athletic Aggression Inventory*), (BREDEMEIER, 1985), adaptado para o português pelo método *Back-Translation* (BRISLIN, 1970) com autorização da autora. O questionário foi desenvolvido para avaliar a tendência dos atletas a manifestar dois tipos específicos de agressão: a *hostil* e a *instrumental*. A *agressão hostil* é voltada apenas para o dano ao oponente, enquanto a *agressão instrumental* é voltada a um objetivo que não seja o dano apenas. O inventário consiste de 30 questões, respondidas em uma escala *likert* de 4 pontos (14 questões para cada tipo de agressão e duas questões para um escore de *agressão atlética* geral). Para apresentação descritiva dos resultados foi feita a média das pontuações, sendo que valores altos (4 pontos) refletem baixa tendência agressiva e valores baixos (1 ponto) remetem a alta agressividade.

O valor de consistência interna para as subescalas agressão hostil e agressão instrumental foi aceitável ($\alpha = .68$ e $\alpha = .60$ respectivamente). As pesquisas de Bredemeier (1985), Bredemeier e Shields (1998) e Chantal; Robin; Vernant et al. (2005) que utilizaram o BAAGI têm comprovado as qualidades psicométricas do inventário.

Orientação da prática esportiva: Escala Multidimensional de Orientação da Prática Esportiva (MSOS – *Multidimensional Sportspersonship Orientations Scale*) (VALLERAND; BRIÈRE; BLANCHARD, et al., 1997), adaptada para o português pelo método de *Back-Translation* (BRISLIN, 1970) com autorização dos autores. A escala consiste em 5 orientações: *preocupação e respeito por regras e árbitros*, *preocupação e respeito pelo oponente*, *preocupação e respeito pelas convenções sociais do esporte*, *preocupação e respeito pelo comprometimento com o esporte e abordagem negativa direcionada à participação no esporte*. A escala possui 25 questões, respondidas em uma escala *likert* de 5 pontos. Para apresentação descritiva dos dados foi utilizada a pontuação média de cada subescala, que varia entre os escores 1 (baixo) e 5 (alto).

O valor de consistência interna médio do teste foi aceitável (valores α das subescalas variando de .75 a .90). A validade e aceitabilidade das propriedades psicométricas do MSOS foram evidenciadas em trabalhos anteriores (VALLERAND; LOSIER, 1994; CHANTAL; ROBIN; VERNAT, 2005; VALLERAND; BRIÈRE; BLANCHARD et al., 1997).

Motivação esportiva: Escala de Motivação para o Esporte (SMS – *Sport Motivation Scale* (BRIÈRE; VALLERAND; BLAIS et al., 1995) validada para a língua portuguesa (SERPA; ALVES; BARREIROS, 2004). A escala consiste em 28 questões, divididas em 7 subescalas avaliadas em uma escala *likert* de 7 pontos. A Escala de Motivação para o Esporte avalia a motivação de acordo com a teoria da autodeterminação (DECI; RYAN, 1985), dividindo-se a escala em *amotivação*, *motivação extrínseca de regulação externa*, *motivação extrínseca de introjeção*, *motivação extrínseca de identificação*, *motivação intrínseca para atingir objetivos*, *motivação intrínseca para experiências estimulantes* e *motivação intrínseca para conhecer*. Para apresentação descritiva dos dados foram adotados os valores médios de cada subescala, os quais variam entre os escores 1 (baixo) e 7 (alto). O valor de consistência interna médio foi aceitável para a pesquisa, com α variando de .60 a .78, resultado semelhante aos encontrados em pesquisas anteriores (CHANTAL; ROBIN; VERNANT et al., 2005; BRIÈRE; VALLERAND; BLAIS et al., 1995; CHANTAL; GUAY; MARTINOVA, 1996; DONAHUE; MIQUELON; VALOIS et al., 2006).

RESULTADOS

A Tabela 1 apresenta os valores médios de tendências agressivas dos atletas de voleibol quanto ao gênero e à categoria. Evidencia-se na Tabela 1

diferença estatisticamente significativa entre os gêneros para a *agressividade hostil* e a *instrumental* ($p \leq 0,001$ e $p \leq 0,01$, respectivamente) e para a *agressão instrumental* entre as categorias ($p \leq 0,01$).

Tabela 1. Níveis médios de agressividade para os atletas de voleibol divididos em gênero e categoria.

Tendências Agressivas	Gênero				Categoria				p-valor	p-valor
	Masculino		Feminino		Juvenil		Adulto		Gênero	Categoria
	$\bar{x}$	sd	$\bar{x}$	sd	$\bar{x}$	sd	$\bar{x}$	sd		
A. Hostil	2,91	0,38	2,92	0,42	2,91	0,39	2,91	0,41	.001*	.961
A. Instrumental	2,18	0,39	2,43	0,28	2,20	0,35	2,41	0,36	.011*	.024*
A. Atlético	2,17	0,70	2,46	0,84	2,18	0,74	2,45	0,80	.095	.403

* diferença significativa para $p \leq 0,05$

A Tabela 2 apresenta os escores médios da orientação para a prática esportiva dos atletas de voleibol, em razão do gênero e categoria dos esportistas. Nota-se que os valores médios da

orientação *preocupação e respeito ao comprometimento com o esporte* foram maiores para todos os grupos.

Tabela 2. Escores médios de orientação da esportividade dos atletas de voleibol em razão do gênero e da categoria.

Orientação da Esportividade	Gênero				Categoria				p-valor	p-valor
	Masculino		Feminino		Juvenil		Adulto		Gênero	Categoria
	$\bar{x}$	sd	$\bar{x}$	sd	$\bar{x}$	sd	$\bar{x}$	sd		
Convenções Sociais	3,73	0,77	3,21	0,67	3,53	0,68	3,47	0,88	.038*	.675
Regras e Juízes	3,94	0,71	3,84	0,69	4,09	0,57	3,63	0,78	.986	.067
Comprom. c/ o Esporte	4,31	0,49	4,04	0,47	4,25	0,51	4,13	0,48	.124	.453
Preoc. c/ o Oponente	2,80	0,73	2,50	0,81	2,40	0,60	3,05	0,84	.104	.022*
Abordagem Negativa	2,53	0,49	2,53	0,63	2,43	0,53	2,67	0,56	.819	.138

* diferença significativa para $p \leq 0,05$

Observa-se, na Tabela 2, diferença estatisticamente significativa para a variável *convenções sociais* ($p \leq 0,04$) no grupo do gênero, sendo que o gênero masculino priorizou este tipo de orientação, ao passo que a

preocupação com o oponente foi mais evidente na categoria adulto ($p \leq 0,02$). Os valores médios de motivação autodeterminada apresentados pelos atletas de voleibol podem ser evidenciados na Tabela 3.

Tabela 3: Valores médios de tendência motivacional dos atletas de voleibol de Maringá-PR.

Tendências Motivacionais	Gênero				Categoria				p-valor	p-valor
	Masculino		Feminino		Juvenil		Adulto		Gênero	Categoria
	$\bar{x}$	sd	$\bar{x}$	sd	$\bar{x}$	sd	$\bar{x}$	sd		
Amotivação	1,98	1,09	2,57	1,45	1,97	1,09	2,62	1,45	.280	.035 *
ME Reg. Externa	3,00	1,44	2,97	1,02	3,01	1,15	2,95	1,45	.837	.672
ME Introeção	3,71	1,46	4,27	1,35	3,96	1,25	3,93	1,69	.397	.513
ME Identificação	4,22	1,52	4,36	1,35	4,44	1,46	4,04	1,41	.998	.091
MI At. Objetivos	4,79	1,31	4,76	1,34	4,84	1,30	4,69	1,34	.638	.750
MI Exp. Estimulantes	5,43	1,03	5,60	1,14	5,63	1,10	5,32	1,02	.987	.235
MI Conhecer	4,63	1,41	4,58	1,49	4,85	1,21	4,25	1,68	.577	.268

* diferença significativa para $p \leq 0,05$

MI: Motivação Intrínseca; ME: Motivação Extrínseca

Observa-se na Tabela 3 que os valores médios de tendência motivacional dos atletas de voleibol foram maiores para a **motivação intrínseca** para experiências estimulantes. Evidencia-se ainda a diferença estatisticamente significativa para a variável *amotivação* ($p \leq 0,05$), no que diz respeito às categorias analisadas, indicando que os atletas juvenis se percebem menos desmotivados para a prática esportiva de rendimento do que os atletas adultos.

A Tabela 4 apresenta os valores de correlação entre as variáveis **motivação autodeterminada** e atribuições morais (orientação para prática esportiva e agressividade) para os atletas adultos e para os atletas juvenis. Nota-se que os atletas adultos evidenciaram: correlações significativas entre as variáveis *motivação extrínseca (identificação)* e *preocupação e respeito pelos juízes e árbitros* ($r=0,432$); *motivação extrínseca*

(*introjeção*) com a *abordagem negativa ao esporte* ($r=0,458$); *motivação intrínseca para conhecer e preocupação e respeito pelo oponente* ($r=0,423$); e correlações negativas entre as variáveis *preocupação e respeito com árbitros e/ou juízes* com a *amotivação* ($r=-0,462$) e *agressão instrumental* ($r=-0,429$); ainda a *agressão instrumental* se correlacionou com a *preocupação e respeito com o oponente* ($r=-0,429$).

Para os atletas juvenis, a Tabela 4 apresenta a correlação entre a orientação esportiva voltada ao *comprometimento com o esporte* e as variáveis de motivação intrínseca para *experiências estimulante* ($r=0,487$), para *atingir objetivos* ($r=0,379$) e para *conhecer* ($r=0,439$). Observou-se também correlação entre orientação negativa do esporte (*abordagem negativa do esporte*), *motivação extrínseca para regulação externa* ($r=0,470$) e *motivação intrínseca para atingir objetivos* ($r=0,361$).

Tabela 4. Correlação entre as variáveis *motivação autodeterminada*, *orientação da prática esportiva* e *agressividade atlética* para os atletas adultos e juvenis.

	Adultos	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14
Juvenis															
1 Amotivação	-	-0.040	-0.068	-0.153	.014	-.112	-.048	-.188	.172	-.102	-.462*	-.309	-.076	-.062	
2 ME Reg. Externa	.324	-	.651**	.650**	.713**	.285	.377	-.123	-.269	-.068	.147	-.046	.176	.374	
3 ME Introjeção	.277	.644**	-	.680**	.498*	.500*	.190	-.253	.097	-.079	.188	-.093	-.011	.458*	
4 ME Identificação	-.065	.573**	.560**	-	.728**	.491*	.436*	-.254	.009	-.104	.432*	-.170	.157	.138	
5 MI At. Objetivos	.067	.418*	.343	.156	-	.606*	.705**	-.101	-.221	-.036	.245	-.005	.391	.266	
6 MI Exp. Estimul.	.414*	.453**	.398*	.220	.470**	-	.628**	.161	-.111	-.058	.273	.036	.349	.324	
7 MI Conhecer	.413*	.371*	.440*	.166	.700**	.655*	-	.302	-.402	.053	.016	.084	.423*	.095	
8 A. Hostil	.034	.006	-.135	.024	-.062	.007	.055	-	-.400	.213	-.282	.074	.068	.005	
9 A. Instrumental	-.082	-.226	-.188	-.277	-.097	-.299	-.092	-.189	-	-.290	-.007	-.429*	-.429*	.039	
10 Convenções Sociais	-.116	.002	-.130	-.109	-.044	.068	-.115	.257	-.111	-	.148	-.071	.531*	.095	
11 Regras e Juízes	-.132	.126	-.062	.154	.018	-.205	-.160	-.056	-.210	.370*	-	.042	.512*	.062	
12 Comprometimento	.081	-.080	.007	-.034	.379*	.487**	.439*	-.091	-.239	.290	.199	-	.128	.073	
13 Preoc. c/ Oponente	-.035	.280	.025	.173	.171	.102	.140	.081	.176	.222	.335	.066	-	-.005	
14 Abordagem Neg.	.037	.470**	.295	.324	.361*	.316	.144	-.043	-.032	.093	-.047	.009	.444*	-	

* $p \leq 0,05$ ** $p \leq 0,01$

A Tabela 5 apresenta os dados de correlação entre as variáveis *motivação autodeterminada* e atribuições morais (orientação para prática esportiva e agressividade) para ambos os gêneros. Observa-se que, para as atletas, houve correlação entre a orientação voltada à *preocupação com regras e juízes* e *motivação extrínseca para identificação* ($r=0,533$), e também com a *motivação intrínseca para atingir objetivos* ($r=0,542$); para *experiências estimulantes* ($r=0,561$) e para *conhecer*

($r=0,650$). Nota-se também correlação da *motivação extrínseca para regulação externa* com as orientações esportivas voltadas para a *preocupação com o oponente* ($r=0,431$) e *abordagem negativa do esporte* ($r=0,510$); a orientação voltada para *preocupação com o oponente* se correlacionou com a *motivação intrínseca para atingir objetivos* ($r=0,483$), e a orientação voltada para *comprometimento com o esporte* se correlacionou com *motivação intrínseca para conhecer* ($r=0,441$).

Para os atletas, foram encontradas correlações entre o *comprometimento com o esporte*, a *motivação intrínseca para experiências estimulantes* ($r=0,445$) e a *agressividade instrumental* ($r=-0,432$). A *motivação intrínseca para experiências estimulantes* se correlacionou ainda com a *agressividade instrumental* ($r=-0,421$) e com a

orientação da prática esportiva direcionada para uma abordagem negativa do esporte ($r=0,401$). Observou-se ainda a correlação entre *amotivação* e a *preocupação e respeito por juízes e regras* ($r=-0,423$), *abordagem negativa do esporte* com a *motivação intrínseca para conhecer* ($r=0,453$) e *agressividade hostil* com *preocupação com o oponente* ($r=0,458$).

Tabela 5. Correlação entre as variáveis motivação autodeterminada, orientação da prática esportiva e agressividade atlética para atletas masculinos e femininos.

	Masculino	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14
Feminino															
1 Amotivação	-	.246	.181	-.051	.108	.190	.264	-.028	.074	-.257	-.423*	-.081	-.139	.197	
2 ME Reg. Externa	.017	-	.742**	.562**	.548**	.461**	.419*	-.246	-.416	-.287	-.072	.088	.011	.329	
3 ME Introjeção	.054	.578**	-	.748**	.510**	.584**	.372**	-.389*	-.399*	-.129	-.071	.069	-.066	.254	
4 ME Identificação	-.101	.715**	.429*	-	.412*	.329	.266	-.282	-.307	-.276	.083	-.010	-.032	.124	
5 MI At. Objetivos	.003	.553**	.340	.422*	-	.527**	.706**	-.200	-.328	-.152	-.068	.297	-.031	.300	
6 MI Exp. Estim.	.072	.281	.339	.426*	.614**	-	.552**	-.224	-.421*	.164	-.038	.445*	.080	.401*	
7 MI Conhecer	.038	.245	.199	.362	.665**	.757**	-	-.003	-.337	-.114	-.269	.232	.067	.453*	
8 A. Hostil	.149	.150	-.031	.093	.129	.247	.265	-	.120	.194	-.284	-.080	.458**	.299	
9 A. Instrumental	.031	.063	.342	-.264	.149	-.082	-.110	-.389	-	-.039	-.012	-.432*	.147	-.053	
10 Convenções Sociais	.119	.287	.003	.121	.039	-.142	.085	.233	-.215	-	.160	.239	.290	.095	
11 Regras e Juízes	-.132	.127	.139	.523**	.542**	.561**	.650**	-.131	-.158	-.064	-	.053	.124	-.196	
12 Comprometimento	-.082	-.232	-.011	-.092	.185	.304	.441*	-.121	.219	-.287	.485*	-	.135	.033	
13 Preoc. c/ Oponente	.188	.431*	.152	.234	.483*	.149	.231	.056	.079	.414*	.072	-.202	-	.578**	
14 Abordagem Neg.	-.090	.510*	.413	.329	.293	.120	-.178	-.046	.242	.202	.031	-.007	.225	-	

* $p \leq 0,05$ ** $p \leq 0,01$

DISCUSSÃO

A diferença encontrada entre as categorias juvenil e adulto para a *agressão instrumental* mostra que os atletas juvenis têm maior tendência a comportar-se agressivamente do que os adultos. Estes resultados vão de encontro à literatura, onde se encontrou que os níveis de agressividade aumentavam concomitantemente com a idade (VISEK; WATSON, 2005). A diferença pode estar relacionada à forma como os atletas juvenis encaram a prática esportiva (orientação da prática esportiva), já que seus valores de *preocupação com o oponente* diferiram significativamente daqueles dos adultos (Tabela 2), indicando menor consideração com o adversário e legitimando a manifestação agressiva na busca pelos objetivos (agressão instrumental).

Segundo a teoria da significação moral, a interpretação do contexto esportivo feita pelos

atletas juvenis remete a níveis mais imaturos de atribuição de significado moral para a ação agressiva (BREDEMEIER, 1999), sendo que os meios para se alcançar o objetivo (vitória, destaque) tendem a ter menor consideração e/ou respeito pelo oponente.

Os níveis mais baixos de agressividade apresentados pelas atletas (Tabela 1) são semelhantes aos encontrados na literatura (STEPHENS; BREDEMEIER, 1996), podendo estar vinculados à formação cultural, em que o homem tem maior liberdade para expressar sua agressividade que a mulher (CROSSET, 1999).

Constatou-se que todos os atletas apresentaram predominância na dimensão comprometimento com o esporte, ou seja, a preocupação e respeito pelo o esporte, que é representada por comportamentos como obediência ao juiz, dedicação ao treinamento e à equipe (VALLERAND; BRIÈRE; BLANCHARD et al., 1997).

A maior orientação de respeito e preocupação com as convenções sociais por parte dos atletas masculinos (Tabela 2) indica uma maior propensão a congratular o adversário, encorajar os companheiros e saber perder. Estudos apontam que maiores valores de autoconfiança e autocontrole dos homens indicam que estes têm maior controle sobre suas emoções, conseguindo agir de maneira mais condizente com as demandas das convenções sociais do esporte (TAMAYO, 2001).

Os atletas adultos apresentaram maior tendência a se preocupar com o oponente do que os atletas juvenis; portanto o desenvolvimento moral mais maduro dos atletas adultos lhes permite perceber o oponente como um membro do esporte necessário para a prática e um meio para alcançar os objetivos, assim aceita jogar mesmo que o oponente esteja atrasado, ou empresta os equipamentos se o outro não os trazer (VALLERAND; CURRIER; BRIÈRE et al., 1996).

Evidenciou-se ainda que a tendência motivacional para todos os atletas foi maior para a motivação intrínseca para experiências estimulantes, indicando que os atletas consideram o esporte como um ambiente a ser explorado e sentem prazer na atividade em si. Vallerand e Losier (1994) afirmam que os indivíduos precisam sentir-se competentes, autônomos e auto-regulados no comportamento do dia-a-dia, e para tanto irão procurar atividades que promovam a satisfação dessas necessidades.

Não obstante, quanto maior o nível competitivo do atleta, maiores são também as pressões sobre o indivíduo, fazendo com que regreda no *continuum* de autodeterminação e procure outros meios para encontrar a satisfação das necessidades (BRIÈRE; VALLERAND; BLAIS et al., 1995; CHANTAL; GUAY; MATINOVA et al., 1996). A diferença significativa entre os juvenis e adultos na dimensão amotivação parece indicar que com o avançar da categoria de prática esportiva se torna mais difícil alcançar a satisfação das necessidades, diminuindo os níveis de motivação para a prática.

Para os atletas juvenis, o comprometimento com o esporte estava relacionado com a motivação intrínseca em todas as dimensões,

indicando que o voleibol é uma atividade que estimula os atletas, fornecendo meios para obter conhecimentos e atingir metas. Por outro lado, uma abordagem negativa do esporte (como trapacear) esteve relacionada com a motivação extrínseca com regulação externa, indicando que esse tipo de atitude poderia ser influenciada pela regulação feita pelo ambiente (pais, técnico, torcida, colegas de equipe) para evitar críticas (VALLERAND; BRIÈRE; BLANCHARD et al., 1997).

Resultados semelhantes foram encontrados em estudos que afirmaram que a expectativa e o objetivo do técnico influenciam na orientação da prática esportiva do atleta juvenil, de maneira que seu desenvolvimento moral não está consolidado para saber julgar corretamente na situação (STEPHENS, 2000).

Por outro lado, a atitude negativa na prática do esporte esteve relacionada à motivação intrínseca para atingir objetivos, contrariamente à literatura, que atribui atitudes negativas a motivações extrínsecas (VALLERAND; LOSIER, 1994; RYAN; DECI, 2000; VALLERAND, 2001). Esses dados indicam que o comportamento de trapaça para alcançar a vitória está sendo percebido como correto na busca pelos objetivos dentro do esporte. Para os atletas adultos, quanto mais autodeterminado o atleta se percebe, mais positiva será sua orientação para a prática esportiva (Tabela 4); e ainda, quanto maior o comprometimento com o esporte e a preocupação com o oponente (orientações positivas), menor é sua agressividade.

Mudanças na significação moral no contexto esportivo em relação ao dia-a-dia são esperadas, em vista das características próprias do esporte (VIEIRA, 1993), porém essa moralidade “alterada” deve possuir um limite, dentro das regras do esporte (VISEK; WATSON, 2005). Esses limites devem ser apreendidos pelos atletas a partir da sua relação com seus pares significativos (pais, técnicos, torcedores), a qual irá determinar a interpretação do atleta sobre o que é certo e o que é errado (BREDEMEIER, 1985; STEPHENS, 2000).

Para os atletas, diferentemente das atletas, evidenciou-se que quanto maior a agressividade instrumental, menor será a tendência motivacional extrínseca para introjeção e

motivações intrínsecas para *experiências* estimulantes, contrariando o proposto pela literatura: que a agressão instrumental estaria relacionada positivamente com estilos motivacionais intrínsecos (CHANTAL; ROBIN; VARNANT et al., 2005).

As relações entre amotivação e preocupação com o árbitro e as regras e entre abordagem negativa do esporte e a motivação intrínseca (autodeterminada) comprovam os resultados encontrados: que para a equipe masculina, a autodeterminação esteve relacionada com uma orientação negativa da prática esportiva. Assim, os atletas sentem falta de contingência entre o respeito por juízes e regras e as consequências desse ato. Por não sentirem motivação a respeitar as regras, não sentem dificuldade em burlá-las para alcançar os resultados almejados, mais uma vez contrariando a literatura, segundo a qual indivíduos que se sentem intrinsecamente motivados com o esporte não se preocupam em alterar as regras para ganhar, a experiência com o esporte por si só é provedora da satisfação das necessidades (VALLERAND; LOSIER, 1994).

De acordo com a abordagem da significação moral, entende-se que o comportamento dos atletas masculinos está pautado em uma atribuição moral dentro do contexto esportivo. As decisões morais de um indivíduo sempre são tomadas em um contexto de normas grupais e geralmente ocorrem em função dessas normas, criando um dilema moral de como agir em determinadas situações (BREDEMEIER, 1999). Assim, a atmosfera moral da equipe masculina permite reconhecer atitudes negativas (contrariar as regras, desrespeitar juízes) como condizentes com o esporte para os níveis de motivação intrínseca.

Em síntese, apesar de os atletas buscarem a prática do voleibol como uma atividade estimulante e capaz de promover o conhecimento, utilizam adaptações morais para conseguir alcançar o resultado almejado lançando mão dos meios necessários, sendo estes aceitos ou não. Dessa forma, a atitude caracterizada como “vitória a qualquer custo” (abordagem negativa do esporte) é percebida como permitida e correta, de acordo com o significado moral atribuído pelos atletas masculinos, não caracterizando uma ação negativa. Finalizando, fazem-se necessários

programas de intervenção junto aos atletas e seus possíveis agentes sociabilizantes (técnicos, pai, professores, torcedores, dirigentes) no sentido de ajudar na formação de valores morais no desenvolvimento de jovens e no desempenho de adultos.

CONCLUSÕES

Com base nos resultados encontrados, tendo-se em vista que o objetivo do estudo foi analisar a relação entre a motivação autodeterminada e as atribuições morais de atletas de voleibol, considerou-se que, em geral, os atletas apresentam tendência a comportar-se agressivamente em situações em que haja um objetivo a ser alcançado, e que a principal intenção da manifestação agressiva não é causar dano ao adversário. Percebeu-se também que os atletas têm maior tendência a ser agressivos do que as atletas e que os atletas juvenis de voleibol apresentam maior nível de agressividade do que os atletas adultos.

A orientação para a prática esportiva foi considerada positiva para todos os atletas, independentemente da categoria ou gênero, com orientações voltadas para o comprometimento com o esporte. Os atletas evidenciaram ter maior preocupação com as convenções sociais do esporte em relação às atletas, enquanto os atletas juvenis apresentaram menor preocupação com o oponente do que os atletas adultos. Todos os atletas demonstraram maior tendência intrínseca de motivação, sentindo-se estimulados principalmente com as experiências relativas ao contexto esportivo.

Para o gênero feminino, quanto maior a autodeterminação das atletas, mais positiva é a orientação da prática esportiva e menores são os níveis de agressividade; no entanto, para os atletas masculinos, quanto maior a autodeterminação dos atletas, maior o comprometimento deles com o esporte e maiores também as atitudes negativas com o esporte (tentativas de vencer a qualquer custo).

Considera-se que os dados são indicativos de considerações acerca das atitudes dos atletas em relação ao esporte, principalmente porque, para a categoria juvenil, o esporte tem um importante papel como catalisador do processo de desenvolvimento moral. Dados de certo modo

preocupantes foram encontrados com relação aos atletas masculinos, que parecem não

considerar as atitudes negativas como imorais no contexto esportivo.

MOTIVATION AND MORAL ATTRIBUTES IN SPORT

ABSTRACT

This research's aim was to analyze the relation between self-determined motivation, sportspersonship and athletic aggression in volleyball players. Participated on this study 54 athletes between adults and youths from both genders. As measure instruments were used: Sport Motivation Scale (1995), Multidimensional Sportspersonship Orientations Scale (1997) and Bredemeier's Athletic Aggression Inventory (1985). The data collection was performed during training. For the data analysis the Mann-Whitney test, Spearman correlation and Cronbach's Alpha were used. The data evidenced that overall self-determined motivation was found to be a favorable factor in relation to a positive attitude towards sport's social conventions, rules and judges influencing on the worry and compromise with the opponent, being able to interfere over the tendency to behave aggressively.

Key words: Motivation. Aggression. Social behavior.

REFERÊNCIAS

- ALVES, P. J. M. C. **O Desenvolvimento do talento de jovens futebolistas: estudo comparativo de algumas características psicológicas face outros grupos jovens**. 2007. Dissertação (Mestrado em Psicologia do Desporto)-Faculdade de Motricidade Humana, Universidade Técnica de Lisboa, Lisboa, 2007.
- BARREIROS, A. **Características psicológicas e desenvolvimento dos talentos em desporto**. 2005. Dissertação (Mestrado em Psicologia do Esporte)-Faculdade de Motricidade Humana, Universidade Técnica de Lisboa, Lisboa, 2005.
- BREDEMEIER, B. J. Moral reasoning and the perceived legitimacy of intentionally injurious acts. **Journal of Sport Psychology**, Champaign, v. 7, no. 2, p. 110-124, 1985.
- BREDEMEIER, B. J. Character in action: the influences of moral atmosphere on athletes' sport behavior. In: LIDOR, R.; BAR-ELI, M. (Ed.). **Sport Psychology: linking theory and practice**. Morgantown: Fitness Information Technology, 1999. p. 248-260.
- BREDEMEIER, B. J.; SHIELDS, D. L. Moral assessment in sport psychology. In: DUDA, J. (Ed.). **Advances in sport and exercise psychology measurement**. Morgantown: Fitness Information Technology, 1998. p. 257-276.
- BENGOECHEA, E. G.; STREAN, W. B. On the interpersonal context of adolescents' sport motivation. **Psychology of Sport and Exercise**, Amsterdam, v. 8, no. 1, p. 195-217, 2007.
- BRIÈRE, N. M.; VALLERAND, R. J.; BLAIS, M. R. et al. Développement et validation d'une mesure de motivation intrinsèque, extrinsèque et d'auto-motivation en contexte sportif: l'échelle de motivation dans les sports (ÉMS). **International Journal of Sport Psychology**, Rome, v. 26, no. 3, p. 465-489, 1995.
- BRISLIN, R. N. Back-translation for cross-cultural research. **Journal of Cross-Cultural Psychology**, Newbury Park, v. 1, no. 2, p. 185-216, 1970.
- BZUNECK, J. Á.; GUIMARÃES, S. E. R. Estilos de professores na promoção da motivação intrínseca: Reformulação e validação de instrumento. **Psicologia: teoria e pesquisa**, Brasília, DF, v. 23, n. 4, p. 415-422, 2007.
- CHANTAL, Y.; GUAY, F.; MARTINOVA, T. D. et al. Motivation and elite performance: An exploratory investigation with Bulgarian athletes. **International Journal of Sport Psychology**, Rome, v. 21, no. 2, p. 173-182, 1996.
- CHANTAL, Y.; ROBIN, P.; VERNANT, P. J. et al. Motivation, sportspersonship and athletic aggression: a mediational analysis. **Psychology of Sport and Exercise**, Amsterdam, v. 6, no. 2, p. 233-249, 2005.
- CROSSET, T. Male athletes's violence against women: a critical assessment of the athletic affiliation, violence against women debate. **Quest**, Champaign, v. 51, no. 3, p. 244-257, 1999.
- DECI, E. L.; RYAN, R. M. **Intrinsic motivation and self-determination in human behavior**. Nova York: Plenum, 1985.
- DONAHUE, E. G.; MIQUELON, P.; VALOIS, P. et al. A motivational model of performance-enhancing substance use in elite athletes. **International Journal of Sport and Exercise Psychology**, Virginia, v. 28, no. 4, p. 511-520, 2006.
- DUDA, J. L. Goal: A social-cognitive approach to the study of achievement motivation in sport. In: SINGER, R. N.; MURPHEY, M.; TENNANT, L. K. (Ed.). **Handbook of research on sport psychology**. New York: Macmillian, 1993. p. 421-436.
- DUNN, J. G. H.; DUNN, J. C. Goal orientations, perceptions of aggression, and sportspersonship in elite male youth ice hockey players. **The Sport Psychologist**, Champaign, v. 13, no. 2, p. 183-200, 1999.
- EDMUNDS, J.; NTOUMANIS, N.; DUDA, J. L. Adherence and well-being in overweight and obese patients referred to an exercise on prescription scheme: a self-determination theory perspective. **Psychology of Sport and Exercise**, Amsterdam, v. 8, no. 3, p. 722-740, 2007.
- FERNANDES, H. M.; VASCONSELOS-RAPOSO, J. Continuum de auto-determinação: validade para a sua aplicação no contexto desportivo. **Estudos de Psicologia**, Natal, v. 10, n. 3, p. 385-395, 2005.

- GUIMARÃES, S. É. R.; BORUCHOVITCH, E. O estilo motivacional do professor e a motivação intrínseca dos estudantes: uma perspectiva da teoria da autodeterminação. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, Porto Alegre, v. 17, n. 2, p. 143-150, 2004.
- GUIMARÃES, S. É. R.; BZUNECK, J. Á.; BORUCHOVITCH, E. Estilos motivacionais de professores: Avaliação de um instrumento de avaliação. **Psicologia: teoria e pesquisa**, Brasília, DF, v. 19, n. 1, p. 17-24, 2003.
- HARTER, S. Causes, correlates, and functional role of global self-worth: A life-span perspective. In: KOLLIGAN, J.; STERNBERG, R. (Ed.). **Perceptions of competence and incompetence across the life-span**. New Haven: Yale University, 1988.
- MILNE, H.M.; WALLMAN, K.E.; GUILFOYLE, A. et al. Self-Determination theory and physical activity among breast cancer survivors. **Journal of Sport and Exercise Psychology**, Champaign, v. 30, no. 1, p. 23-38, 2008.
- REINBOTH, M.; DUDA, J. L. Perceived motivational climate, need satisfaction and indices of well-being in team sports: A longitudinal perspective. **Psychology of Sport and Exercise**, Amsterdam, v. 7, no. 1, p. 269-286, 2006.
- RYAN, R. M.; DECI, E. L. Self-determination theory and the facilitation of intrinsic motivation, social development and well-being. **American Psychologist**, Washington, D.C., v. 55, no. 1, p. 68-78, 2000.
- SERPA, S.; ALVES, P.; BARREIROS, A. **Versão portuguesa da Sport Motivational Scale (SMS) e da Sport Academic Scale (AMS): processos de tradução, adaptação e fiabilidade**. Tese(Doutorado)-Faculdade de Motricidade Humana, Laboratório de Psicologia do Desporto. Universidade Técnica de Lisboa, Lisboa, 2004.
- STEPHENS, D. E. Predictors of likelihood to aggress in youth soccer: an examination of coed and all-girls teams. **Journal of Sport Behavior**, Alabama, v. 23, no. 2, p. 311-325, 2000.
- STEPHENS, D. E.; BREDEMEIER, B. J. L. Moral Atmosphere and judgments about aggression in girls' soccer: relationships among moral and motivational variables. **Journal of Sport and Exercise Psychology**, Champaign, v. 18, no. 2, p. 158-173, 1996.
- TAMAYO, A.; CAMPOS, A. P. M.; MATOS, D. R. et al. A influência da atividade física regular sobre o auto-conceito. **Estudos de Psicologia**, Natal, v. 6, n. 3, p. 157-165, 2001.
- VALLERAND, R. J. Deci and Ryan's self-determination theory: A view from the hierarchical model of intrinsic and extrinsic motivation. **Psychological Inquiry**, Mahwah, v. 11, no. 2, p. 312-318, 2001.
- VALLERAND, R. J.; BRIÈRE, N. M.; BLANCHARD, C. et al. Development and validation of the multidimensional sportspersonship orientations scale. **Journal of Sport and Exercise Psychology**, Champaign, v.19, no. 2, p. 197-206, 1997.
- VALLERAND, R. J.; CUERRIER, J. P.; BRIÈRE, N. M. et al. Toward a Multidimensional Definition of Sportsmanship. **Journal of Applied Sport Psychology**, Philadelphia, v. 8, no. 1, p. 89-101, 1996.
- VALLERAND, R. J.; LOSIER, G. F. Self-Determined Motivation and Sportsmanship Orientations: An Assessment of Their Temporal Relationship. **Journal of Sport and Exercise Psychology**, Champaign, v. 16, no. 2, p. 229-245, 1994.
- VIEIRA, J. L. L. Avaliação do desenvolvimento moral de adolescentes em relação a dilemas morais da vida diária e da prática esportiva. **Revista da Educação Física/UEM**, Maringá, v. 4, n. 1, p. 34-39, 1993.
- VISEK, A.; WATSON, J. Ice Hockey Players' Legitimacy of Aggression and Professionalization of Attitudes. **The Sport Psychologist**, Champaign, v. 19, no. 2, p. 178-192, 2005.
- WEINER, B. An attribution theory of achievement motivation and emotion. **Psychological Review**, Washington, D. C., v. 92, no. 3, p. 548-573, 1985.

Recebido em 15/04/08
Revisado em 20/06/08
Aceito em 11/07/08

Endereço para correspondência: João Ricardo Nickenig Vissoci. Rua Bragança, 531, Ap. 103, Zona 7, CEP 87020-220, Maringá-PR. E-mail: jrvissoci@yahoo.com.br